

# 1

## Introdução

...“minha primeira tese é de que *os problemas filosóficos genuínos têm sempre raízes em problemas urgentes fora do campo da filosofia, e morrem se perdem essas raízes*”.

Popper, 1972:100

### 1.1

#### A pesquisa “Razão e Psicanálise”

Esta tese constitui a segunda fase da pesquisa “Razão e Psicanálise”, a qual teve como parte inicial o que se tornou nossa dissertação de mestrado: *Discussão da Racionalidade da Teoria Psicanalítica a partir da Epistemologia de Karl Popper; Avaliações – Impasses – Alternativas*. (Marinho, N. 2001) A origem da pesquisa foi um problema extra-filosófico: o estudo e trabalho continuado com o sofrimento mental e, em particular, com a experiência da “loucura”. É inevitável que sejamos repetitivos na exposição dos fundamentos da pesquisa, embora nesses quatro anos seus desdobramentos nos levaram para novos caminhos e é a exploração destes em que consiste nosso presente trabalho. Julgamos importante reafirmar o que nos motivava naquele momento:

Caso fosse possível alguma forma confiável de mensuração, talvez, não houvesse maior manifestação de sofrimento humano do que a experiência da loucura. Qualquer descrição que a relativize, ou, tente reduzi-la a um determinante extra-psíquico, padece de artificialidade se suprime suas dimensões de *sofrimento mental e perda da razão*.<sup>1</sup> No cotidiano de nosso trabalho, defrontamo-nos com a dramaticidade de um sofrimento<sup>2</sup> que, *prima*

---

<sup>1</sup> Utilizamos o termo “perda” sem qualquer conotação quantitativa, concordando neste ponto com Foucault (in, *Doença Mental e Psicologia*, 1968), ao recusar um caráter deficitário à noção de loucura.

<sup>2</sup> Nestes últimos anos surgiu uma importante revisão do conceito de *dor mental* na literatura psicanalítica, acompanhado de uma formulação própria – *Dor Sem Nome. Pensar o Sofrimento* (Fleming, M. 2003) - que mostra como o tema ainda é pouco estudado, talvez, por seu difícil acesso e pela insuficiência de nossos meios de pesquisa. Um dos objetivos de nosso trabalho é a busca de melhores instrumentos para a sua investigação.

*facie, necessariamente* não compreendemos. A psicanálise surgiu exatamente da tentativa de dar conta, explicar ou compreender tais manifestações em que a ciência tradicional fracassava. A prática como psicanalistas, leva-nos inevitavelmente, a certa altura da experiência, a questionarmos os fundamentos de nossa atividade. Isto ocorre, quer seja pelas limitações dos resultados, quer seja pelo desafio que o insólito nos desperta.

A identificação, ou “diagnóstico”, de “loucura” – optamos por manter uma designação coloquial, vaga e abrangente<sup>3</sup> – baseia-se em última instância em algum padrão de racionalidade. Por este motivo é que escolhemos o ponto de vista filosófico para nele desenvolver nossa pesquisa. Pois, caso tentássemos estipular um critério psicológico, psiquiátrico ou psicanalítico para tal padrão, seu questionamento se tornaria impossível, uma vez que é a própria noção de racionalidade que está em exame. Neste sentido a pesquisa pretende seguir uma linha de mão dupla: investigar a racionalidade da psicanálise e, ao mesmo tempo, indagar se a psicanálise tem alguma contribuição a dar ao estudo da razão e suas vicissitudes.

Partimos de duas hipóteses iniciais:

1 – A Teoria Psicanalítica é um empreendimento racional, ou seja, constitui-se num conjunto de hipóteses que, quer sejam ou não passíveis de testabilidade segundo critérios como os popperianos sugeridos para as ciências empíricas, permitem a discussão crítica de suas proposições e implicações.

2 – A razão, ou algum padrão de racionalidade, se constitui em um dos “elementos da psicanálise” – para utilizar a denominação e sugestão do psicanalista inglês W. R. Bion – sendo o seu exame, assim como o das paixões e dos mitos, um dos objetos da psicanálise.

A pesquisa está dividida em duas fases, sendo a primeira subdividida em uma parte inicial que foi objeto de nossa dissertação de mestrado, e em seu desdobramento que é o objeto desta tese de doutorado. A segunda fase da pesquisa ficará para um momento posterior. Tais fases são as seguintes:

A – A pesquisa da racionalidade da Teoria Psicanalítica. Neste primeiro momento ficamos limitados à discussão de sua racionalidade científica dentro

---

<sup>3</sup> Não pretendemos, neste momento, discutir “os nomes da loucura”. O caráter vago da designação, por nós escolhida, visa apenas chamar a atenção para o aspecto invariante que tal noção apresenta, quer no decorrer da história (Pessotti, 1999), quer entre diferentes culturas contemporâneas (Moreira Neto, 1965).

do debate epistemológico anglo-saxão contemporâneo, procurando avaliar de que forma a psicanálise, como qualquer outra ciência humana, nele se insere, como responde às suas exigências e que questões, por sua vez, traz ao debate. Investigamos duas linhas de discussão: uma ligada à epistemologia de Karl Popper e autores que, de alguma forma, partem de seu referencial (Adolf Grünbaum e Gregorio Klimovsky) e a outra inspirada na filosofia analítica, especialmente nas contribuições de Marcia Cavell e de Ludwig Wittgenstein. A dissertação de mestrado ficou restrita à discussão dos autores da tradição popperiana.

B – A pesquisa da razão como elemento da psicanálise. Pretendemos num segundo momento, seguindo a mencionada sugestão de W. R. Bion, investigar a razão como elemento constitutivo da teoria psicanalítica, da mesma forma que as paixões. Investigaremos se os distúrbios de pensamento – um dos objetos da investigação psicanalítica – podem oferecer-nos informações maiores sobre a racionalidade e seus desvios. Esta segunda fase é dependente da anterior na medida em que naquela procuramos identificar o “tipo de racionalidade” que a psicanálise utiliza, ou, para sermos mais precisos, o padrão de racionalidade que consideramos mais apropriado para desenvolver e dar atualidade ao legado freudiano. Admitimos a hipótese de uma variedade de padrões, dado o amplo espectro de alcance do projeto psicanalítico, por exemplo: sua dimensão clínica e seu uso como instrumento de crítica da cultura.

Uma vez já existir uma vasta literatura a respeito da fundamentação epistemológica da psicanálise,<sup>4</sup> tivemos que fazer uma opção que melhor circunscrevesse nosso campo de trabalho. Optamos por iniciar com o exame das contribuições de Popper – por motivos que esclareceremos adiante – assim como utilizar as formulações de Larry Laudan, sobre *Tradições de Pesquisa*, como instrumento para avaliação das diferentes teorias que povoam, implícita ou explicitamente, o debate em que se insere a epistemologia popperiana.

---

<sup>4</sup> Duas interessantes coletâneas de textos sobre a epistemologia da psicanálise são: os anais do segundo encontro anual do instituto de filosofia da universidade de New York, organizado por Sidney Hook, que contou com a participação, entre outros, de Heinz Hartmann (ex-presidente da International Psychoanalytical Association – IPA), Ernest Nagel, Wesley Salmon e Adolf Grünbaum. A outra coletânea é a organizada por Richard Wollheim (*Freud*, Rio, Artenova, 1976), que conta com textos de Wittgenstein, Thomas Nagel, Sartre, Wisdom (este sobre o teste de uma interpretação numa sessão de psicanálise, segundo o modelo popperiano), entre outros.

## UM COMPLEXO CENÁRIO

*A CRISE DA PSICANÁLISE NO CONTEXTO DA CRISE DA MODERNIDADE* – Embora a pesquisa tenha a origem inicialmente exposta – nosso especial interesse no problema da psicose<sup>5</sup> - um outro fator veio acrescentar-se às nossas motivações. Gostaríamos de apenas mencioná-lo, sem pretender incluí-lo em nossos planos de estudo, apesar de acompanhar-nos como um pano de fundo. Referimo-nos à chamada “crise da psicanálise”, fenômeno cultural complexo que surgiu no início dos anos 80, caracterizando-se pela crescente queda na procura por parte de postulantes aos Institutos de Psicanálise (instituições de ensino organizadas para formar psicanalistas) – tanto na América do Norte, como na Europa e América Latina – pela diminuição da demanda por tratamentos psicanalíticos, por dificuldades na realização de uma análise tradicional (relacionadas às exigências de tempo e recursos financeiros), tudo isto concomitante ao progressivo desenvolvimento de tratamentos psicofarmacológicos, com o lançamento das mais diversas drogas psicotrópicas, assim como a multiplicação e penetração de terapias alternativas, sobretudo, as de caráter místico. Este fenômeno, paralelo ao desenvolvimento dos fundamentalismos religiosos, estaria associado a outras manifestações que levaram alguns autores – como Sérgio Paulo Rouanet<sup>6</sup> - a conjecturar sobre uma possível crise de nosso projeto civilizatório e, conseqüentemente, da razão iluminista e, neste vácuo, de qualquer forma de racionalidade; convocando os psicanalistas a dar sua contribuição ao entendimento desta nova forma de *mal-estar na civilização*. Não pretendemos

<sup>5</sup> Utilizamos o termo “psicose”, alternando-o com “loucura”, apenas com a finalidade de marcar o ponto extremo de referência de nossas preocupações. A noção de “psicose” exigiria uma discussão própria e para esta reservamos um amplo espaço na próxima fase da pesquisa.

<sup>6</sup> Rouanet reúne uma série de ensaios em seu livro *Mal-Estar na Modernidade* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), sobre o tema da crise da modernidade. No ensaio que dá título à publicação, afirma (p.99-101): “A psicanálise se situa numa posição estratégica nessa revolta teórica e prática contra a modernidade. Por um lado ela é parte da modernidade e parte do Iluminismo. Por outro, ela tem categorias e instrumentos privilegiados de análise para compreender o mal-estar antimoderno. Ela tem, nessa matéria, uma competência específica e uma responsabilidade intransferível ... Na verdade, todas as balizas já foram dadas por Freud. Homem do Iluminismo, ele nos forneceu os elementos para compreender os riscos enfrentados pelo projeto iluminista. Defendeu o modelo civilizatório das Luzes, com plena consciência de tudo o que conspirava contra sua realização. Rejeitou o otimismo da Ilustração, admitindo a hipótese de um fracasso em toda linha dos seus ideais, sem cair com isso num pessimismo sistemático. Em suma, foi cético, sem ser niilista ... A psicanálise é a consciência infeliz do Iluminismo, a adesão obstinada ao racionalismo, ao individualismo e ao universalismo da Ilustração e ao mesmo tempo a suspeita de que se trata, nos três casos, de uma luta perdida de antemão.”

entrar na discussão deste ponto, apenas assinalar que é mais um fator a instigar-nos a investigar os fundamentos de nossos padrões de racionalidade, a partir do próprio questionamento da psicanálise. Há também uma dimensão prática, imediata, neste debate que a *crise* despertou, que se refere a uma ampla discussão em curso sobre o que privilegiar num programa de pesquisa sobre *distúrbios mentais*, quer em psicanálise quer em psiquiatria: a *pesquisa empírica* ou a *clínica*. Por *pesquisa empírica*, em geral, refere-se a dados mensuráveis, passíveis de avaliação estatística, enquanto que por *pesquisa clínica*, à tradicional reflexão teórica a partir da experiência clínica<sup>7</sup>. Poderíamos acrescentar como outro elemento constitutivo deste cenário a crescente aproximação entre a moderna neuro-ciência e a psicanálise; nossa linha de pesquisa não segue nesta direção.

*VELHAS E NOVAS PATOLOGIAS COMO NOVOS DESAFIOS* – Faz parte deste complexo cenário, a manifestação de velhas e novas patologias com as peculiares características de nossos tempos. A magnitude do problema pode ser avaliada pela *questão das drogas*, que atualmente se constitui num problema de dimensões muito superiores ao da histeria no início do século ou ao da loucura, em todos os séculos. A *questão das drogas* adquiriu dimensões políticas, econômicas, financeiras e sociais de tal ordem que muitas vezes obscurecem suas raízes psicológicas. Embora, pretendamos evitar dispersar-nos por estes temas, eles estarão de certa forma sempre presentes, dada a importância que o contexto histórico-social passou a ter, especialmente pela argumentação dos “externalistas” e dos relativistas de vários matizes (como Kuhn e Feyerabend), no debate de questões como racionalidade e progresso na epistemologia anglo-saxã contemporânea. Não bastando os grandes desafios que patologias tão antigas, como a adição a drogas, adquiriram com as novas e velozes formas de disseminação, surgem para muitos as *novas doenças da alma*. Título de um livro em que Julia Kristeva (2002), a exemplo de vários outros autores, procura descrever quadros clínicos sugestivos de novas patologias, resistentes à abordagem psicanalítica, e próprias de nossos tempos.

---

<sup>7</sup> Os exemplos mais significativos, de reflexão teórica a partir de dados clínicos, seriam: na psiquiatria clássica, a monumental obra de Karl Jaspers (“*Psicopatologia Geral*”) e, na psicanálise, a própria obra de Sigmund Freud.

*O DIÁLOGO PSICANÁLISE E FILOSOFIA* – Este é o ponto em que o nosso cenário se mostra mais ativo, participante, não como um elemento decorativo, mas constitutivo da própria pesquisa e desta tese em particular. Pretendemos nos manter no âmbito fundamentalmente filosófico, mas ao mesmo tempo estabelecer uma constante interlocução com a psicanálise e, em especial, com uma de suas correntes: a teoria de relações de objeto. Pensamos que a loucura é uma questão de comum interesse para filósofos e psicanalistas, embora a tradição filosófica tenha afastado precocemente a *insanidade* quando investiga a racionalidade. Citamos, como exemplo histórico, as reflexões de Descartes no parágrafo 4 da “Primeira Meditação”.

[...] E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser talvez que eu me compare a esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos.

Na elaboração desta tese sentimos a intensidade da exclusão da loucura quando não encontramos entre os comentadores da noção de forma de vida em Wittgenstein - com exceção de Newton Garver – qualquer referência à possível aplicação do conceito ao estudo dos doentes mentais. Garver, embora não desenvolva o tema, recomenda o trabalho de Hans Rudi Fischer (1991) – *Sprache und Lebensform* – que desenvolveu pesquisa semelhante à nossa, utilizando um referencial de inspiração psicanalítica da teoria da comunicação para o diálogo com Wittgenstein.

Em trabalho apresentado numa disciplina do mestrado<sup>8</sup> discutimos a inconveniência desta exclusão prematura da *insanidade*, uma vez que esta nos ilumina, indicando os limites da racionalidade que está sendo proposta. Em filosofia da ciência tal questão – racional/irracional – adquire proporções significativas. A título de exemplo, lembremos da polêmica quanto a real ocorrência de uma escolha racional entre teorias científicas concorrentes, na história da ciência. Esse ponto não escapou tanto a Freud, quanto a Bion – os

---

<sup>8</sup> “‘Le Dieu Trompeur’ – Notas sobre a Questão do ‘Conhecimento Privado’ em Descartes, Wittgenstein e Borges”, em co-autoria com Fernanda Marinho, para a disciplina “Tópicos da História da Filosofia”. Ver Apêndice III da Dissertação de Mestrado.(Marinho, N. 2001)

dois representantes do pensamento psicanalítico que tomaremos como interlocutores permanentes – que assim a formularam:

Fica para o futuro decidir se há mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou, se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão preparadas para acreditar (Freud, S.E. XII:79).<sup>9</sup>

A leitura deste capítulo (*refere-se ao capítulo II de “O Futuro de uma Ilusão”, de Freud*) parece mostrar o quanto o avanço da psicanálise torna obsoleta sua própria formulação. Freud tem como alicerce de sua discussão, como sua realização, suas próprias conjecturas sobre a natureza da civilização. A partir daí ele tem teorias sobre as conjecturas. As conjecturas merecem atenção, pois são conjecturas de um homem genial. Mas não há reconhecimento do *status* de conjecturas ou do *status* de teorias sobre conjecturas. Em psicanálise presume-se que uma teoria é falsa se ela não parece estar a serviço do “bem” da maioria da humanidade. E, como idéia de “bem”, é uma platitude. A idéia toda de “cura”, de atividade terapêutica, permanece sem escrutínio. Ela é amplamente determinada pelas expectativas do paciente, embora isso seja questionado em uma boa análise (como eu a conheço). Mas em física uma teoria é boa se ela ajuda a construção de uma bomba que destrói Hiroshima. Muitíssimo do pensamento sobre psicanálise impede a possibilidade de considerar como boa uma teoria que poderia destruir o indivíduo ou o grupo. Ainda assim, nunca haverá um escrutínio científico de teorias analíticas até que essa investigação inclua a apreciação crítica de uma teoria que, por sua própria consistência, poderia levar à destruição da estabilidade mental; por exemplo, uma teoria que incrementasse memória e desejo a um ponto que eles impossibilitassem a sanidade (Bion, 2000:389).<sup>10</sup>

Enfatizamos nosso interesse em subordinar a investigação dos fundamentos epistemológicos da psicanálise à busca de um padrão de racionalidade que a sustente como instrumento de pesquisa para o fenômeno da *loucura*, supondo que este tipo de pesquisa poderá ser filosoficamente útil para um escrutínio da razão e da racionalidade científica, em particular. O estudo da loucura tem, a nosso ver, um papel heurístico peculiar.

<sup>9</sup> Freud faz este comentário no penúltimo parágrafo de seu famoso trabalho sobre *O Caso Schreber*, uma minuciosa tentativa de compreender, utilizando a psicanálise como instrumento, o relato das experiências delirantes de Schreber, publicadas em seu livro de memórias. Desde então *O Caso Schreber* se tornou referência fundamental para os estudos sobre a psicose.

<sup>10</sup>Extraído de *Cogitações*. Esta é uma obra póstuma de Bion, onde foram recolhidas suas anotações, rascunhos, trechos de gravações, no período entre 1958-79 (ano de seu falecimento).

## 1.2

### Discussão da racionalidade da teoria psicanalítica

Iniciamos a discussão da racionalidade da teoria psicanalítica a partir da epistemologia de Karl Popper, pelos seguintes motivos:

1 – A importância da contribuição popperiana, principalmente, na *Lógica da Pesquisa Científica*, através de seu critério de demarcação entre ciência empírica e não-empírica, baliza qualquer debate a respeito. Como desejávamos manter, em nosso cenário, as alternativas de Lakatos, Kuhn, Feyerabend e Larry Laudan, a referência central a Popper facilitava, sobremaneira, a discussão sobre a natureza dos problemas empíricos e conceituais envolvidos, sobre o alcance da noção de refutabilidade, sobre a divergência entre racionalistas e relativistas, realistas e pragmatistas e, sobretudo, quanto à viabilidade de um *programa para um padrão de racionalidade*.

2 – A influência das idéias de Popper na formulação de uma teoria sobre o pensar, de W. R. Bion, autor psicanalítico que tomaremos como principal referência numa próxima etapa da pesquisa, uma vez tratar-se de um dos que mais trabalhou e escreveu sobre o fenômeno psicótico. Embora reconheçamos essa influência de Popper, como na noção de “pré-concepção” de Bion, que muito se aproxima da de “expectativas inatas” (Popper), são trajetórias distintas. Bion se mantém mais solidário a uma leitura kantiana, assim como no correr de sua obra vai preocupar-se, cada vez mais, com questões ligadas à “construção do significado”,<sup>11</sup> tema que reiteradamente é relegado a um segundo plano na obra de Karl Popper.

---

<sup>11</sup> “Uma conjunção constante é uma função de consciência no observador. O observador sente que é uma necessidade *para ele* que a conjunção deveria ter um significado *para ele*. O significado é uma função de amor-próprio, ódio-próprio ou conhecimento-próprio. Não é necessário logicamente, mas psico logicamente. A conjunção constante, uma vez nomeada, deve então ser considerada como uma matéria de necessidade psíquica, como tendo um significado. Uma vez que o significado psico logicamente necessário tenha sido alcançado, a razão, como escrava das paixões, transforma o significado psico logicamente necessário em significado logicamente necessário. A inadequação da gratificação alucinatória para promover crescimento mental impele a atividade destinada a fornecer o “verdadeiro” significado: sente-se que o significado atribuído à conjunção constante tem que ter uma contrapartida na realização da conjunção. Portanto, a atividade da razão como escrava das paixões é inadequada. Em termos da teoria do princípio do prazer/dor há um conflito entre princípio do prazer e princípio de realidade para obter controle da razão” (Bion, 1965, p. 92). Julgamos importante este trecho por nele vermos o duplo aspecto, segundo Bion, do papel da razão, ora como “escrava das paixões”,

3 – Está, também, ligada a Popper, a crítica mais minuciosa e difundida à teoria psicanalítica, de que temos conhecimento. Referimo-nos à obra de Adolf Grünbaum, *The Foundations of Psychoanalysis – A Philosophical Critique* (Berkeley: University of California Press, 1985). Grünbaum utiliza o referencial popperiano, para um extenso exame da cientificidade da teoria psicanalítica, embora de forma bastante crítica em relação às insuficiências dos comentários de Popper sobre a psicanálise.

4 – A Popper se liga também o trabalho que Gregorio Klimovsky – epistemólogo argentino – desenvolve há mais de trinta anos com importantes nomes da psicanálise internacional, em grupo de estudos sobre epistemologia e psicanálise, a partir de experiências clínicas. Pretendemos assim contrapor duas visões antagônicas dentro da tradição popperiana: as de Grünbaum e Klimovsky.

5 – O correr desses anos de pesquisa veio corroborar a adequação da escolha de Popper, como ponto de partida, uma vez que como veremos no capítulo sobre Wittgenstein e a Psicanálise, o clássico trabalho de Jacques Bouveresse – *Wittgenstein lecteur de Freud* – está profundamente influenciado por sua leitura de Popper. Embora, como vamos assinalar, os questionamentos de Wittgenstein em relação à psicanálise sigam um caminho totalmente diverso.

Como dentre nossos objetivos se encontra a preocupação com os padrões de racionalidade que estejam em jogo, nos diversos momentos da discussão da psicanálise, adotamos, em caráter operativo, o padrão proposto por Larry Laudan (1977), como referencial. Fizemos a ressalva quanto ao caráter operativo de tal adoção, pois entendemos que a própria pesquisa propõe-se a ser uma discussão, em última instância, do que consistiria um *padrão de racionalidade*. Conforme já registramos, não é possível falar de *psicose* ou *loucura* sem que esteja implícita alguma contrapartida de racionalidade. Como no momento não podemos adiantar-nos quanto a um possível padrão, uma vez que esperamos que o decorrer do próprio trabalho vá selecionando seus possíveis candidatos, escolhemos a proposta pragmatista de

---

ora como necessária na construção de um significado que não seja arbitrário, isto é, indiferente ao “princípio da realidade”, tal qual Freud o formulou, in: *Formulations on the Two Principles of Mental Functioning* (Freud, S., 1911).

racionalidade, de Larry Laudan, como uma ferramenta provisória. É uma decisão que consideramos inescapável, uma vez que mesmo nesta fase inicial se faz necessário algum padrão que dê sentido ao debate epistemológico em que Popper – assim como os dois outros autores estudados: Grünbaum e Klimovsky, estão inseridos.

### 1.3

#### **Desdobramentos da discussão da racionalidade da teoria psicanalítica**

A fase inicial da pesquisa nos levou a algumas conclusões que, apesar de passíveis de reavaliações, orientaram-nos para a construção da nova etapa. Assim, por exemplo, aceitamos a rejeição da pretensão da teoria psicanalítica a tornar-se uma legítima ciência empírica, preferindo situá-la – no referencial popperiano – como um *programa de pesquisa metafísica*, ao lado da teoria de Darwin, propício a uma avaliação específica, tendo Popper formulado para tais casos como instrumento: a *lógica situacional*. Ao mesmo tempo, consideramos que os impasses a que a tradição epistemológica anglo-saxã conduz são de difícil superação, levando-nos a procurar na moderna filosofia da linguagem um melhor instrumental para pensar o projeto psicanalítico. Concluímos também que duas noções – *dogmatismo* e *conhecimento privado* - poderiam ser selecionadas como candidatas a invariantes do fenômeno da loucura. Finalmente, verificamos que a questão do relativismo matiza sempre o cenário em que se passam os debates sobre a filosofia da ciência. Desta forma, desejamos mantê-la presente, pois, noções como progresso, racionalidade ou terapia não poderão ignorar os argumentos relativistas que as acompanham inevitavelmente.

Um breve sumário, talvez, torne mais claro como desenvolveremos a tese, o porquê da ênfase em certos comentadores da obra de Wittgenstein, assim como os motivos da escolha de determinados temas para um exame mais minucioso – como as noções de *forma de vida* e *certeza* – em lugar de outros igualmente importantes no vasto universo wittgensteiniano. Adiantamos que tal seleção obedeceu em alguns casos a uma limitação de

espaço, mas em outros – como a discussão das concepções de *interno e externo* em psicologia e psicanálise – à necessidade de uma maior elaboração, ficando em consequência para a fase seguinte da pesquisa. Do ponto de vista da psicanálise, tivemos também que selecionar uma vertente da teoria de relações de objeto – a vertente kleiniana – e dentro dela o seu desenvolvimento com o qual estamos mais familiarizados: a obra de Bion. Ainda uma restrição a que nos impusemos foi a de trabalhar com a dimensão clínica da psicanálise, uma vez que a utilização do pensamento psicanalítico como instrumento de crítica da cultura exigiria a utilização de outros conceitos e outros métodos para o diálogo que procuramos estabelecer com a filosofia.

O **Capítulo 2** é dedicado a um resumo e atualização do que já foi exposto na dissertação de mestrado, a fim de situar o leitor no trajeto que estamos percorrendo. Assim, discutiremos a apreciação de Popper da psicanálise e duas avaliações, antagônicas, nesta tradição: a de Adolf Grünbaum e a de Gregorio Klimovsky. Popper não considera a psicanálise uma ciência empírica, situando-a entre as pseudociências, uma vez ser irrefutável, segundo seus critérios. Grünbaum discorda, considerando a psicanálise passível de testagem empírica, portanto refutável, e quando submetida a testes *é refutada*, até o momento. Klimovsky, incorporando as críticas de Lakatos a Popper, considera a psicanálise passível de crítica como qualquer outra ciência humana, e nestas condições se sai tão bem como qualquer outra. Discutiremos as raízes de avaliações tão distintas, realizadas basicamente a partir de um mesmo referencial. A avaliação de Klimovsky estará atualizada, graças à recente publicação de um conjunto de artigos seus sobre epistemologia e, em especial, sobre epistemologia e psicanálise (Klimovsky, 2004). Apresentaremos também os impasses a que esta tradição leva ao tratar a epistemologia da teoria psicanalítica, do mesmo modo que os motivos que nos levaram a procurar na filosofia da linguagem um instrumental mais adequado para tratar as questões com que a psicanálise lida. Como expusemos acima, encontramos na proposta de Larry Laudan a melhor alternativa para os impasses desta tradição epistemológica, capaz de enfrentar as críticas de relativistas como Thomas Kuhn e Paul Feyerabend, além de oferecer uma noção de racionalidade que nos pareceu a mais adequada para um uso operativo em nossa pesquisa.

O **Capítulo 3** expõe a avaliação filosófica da Marcia Cavell da teoria psicanalítica. Estaremos então em pleno domínio da filosofia da linguagem contemporânea, dado que Marcia Cavell realiza um minucioso estudo das principais questões epistemológicas que acompanham a proposta freudiana, baseada nas contribuições de Donald Davidson e Ludwig Wittgenstein. Ressaltaremos o papel que desempenhou no desenvolvimento do pensamento psicanalítico a teoria de relações de objeto, que a autora articula com a filosofia da linguagem, para que pudesse superar alguns dos impasses que até então constataávamos nas avaliações anteriores. Em que pese a significativa contribuição de Cavell ao debate, discutiremos certas limitações de sua exploração, as quais atribuímos à sua leitura  *davidsoniana* de Wittgenstein e à limitada utilização que fez dos autores que trabalharam com psicóticos para sua discussão dos problemas relacionados à compreensão psicanalítica da irracionalidade e das psicoses. Ressaltaremos também a perspicácia e originalidade de sua proposta, que se revela, por exemplo, em sua sugestão de um estudo da “genealogia da moral, da mente e do self”, como questões inseparáveis.

O **Capítulo 4** introduzirá algumas das contribuições de Wittgenstein à pesquisa. Está dividido em duas seções. A primeira trata das complexas relações de Wittgenstein com a psicanálise, quando procuraremos situá-las no contexto histórico em que surgiram, além de tomar suas referências diretas à teoria psicanalítica como objeto de exame. Utilizaremos tanto o clássico estudo de Jacques Bouveresse – *Wittgenstein lecteur de Freud* - em certa medida como um roteiro para exame das principais objeções levantadas às pretensões de cientificidade do projeto psicanalítico, como também o estudo de Paul-Laurent Assoun (*Freud e Wittgenstein*) que procura estabelecer um diálogo entre os autores. Ao final desta seção apresentaremos nossa visão de como a *enigmática* relação de Wittgenstein com Freud – marcada pela admiração e crítica – poderia ser compreendida atualmente. Numa segunda seção discutiremos duas noções wittgensteinianas que nos serão de fundamental importância no capítulo seguinte: as noções de “forma de vida” (*Lebensform*) e de justificação em *Da Certeza*. Para a exposição panorâmica das diversas interpretações da noção de “forma de vida”, assim como o seu uso no plural, tomamos o texto de Gertrude D. Conway (1989) – *Wittgenstein*

*on Foundations* – como um guia na extensa bibliografia a respeito. No tocante ao tema da certeza, seu papel na noção de conhecimento, Morawetz (1980) – *Wittgenstein & Knowledge, the importance of On Certainty* – foi nossa referência; especialmente para a discussão dos “jogos de conhecimento”, embora a interpretação dos mesmos seja de nossa responsabilidade. Pretendemos expor tais conceitos para um uso operativo, sem qualquer pretensão exegética, reconhecendo a complexidade dos temas na obra de Wittgenstein. Entretanto, esperamos que seu uso não seja arbitrário e guarde a necessária coerência com o restante das contribuições do autor. Em todo este capítulo procuraremos ressaltar a necessidade de aliar as contribuições de Wittgenstein à teoria de relações de objeto, para uma leitura wittgensteiniana atualizada da psicanálise, uma vez que aquela teoria colocou como questão central para a psicanálise, o papel do significado e sua construção, suas vicissitudes e suas raízes na relação intersubjetiva. Uma importante relação entre a “terapia filosófica” (proposta por Wittgenstein) e a psicanálise deixamos para uma seção específica no próximo capítulo, uma vez que utilizaremos muitos conceitos aí expostos em nossa visita a Schreber.

No **Capítulo 5**, faremos uma reavaliação do *Caso Schreber* (Freud, 1911), à luz das contribuições de Marcia Cavell e Ludwig Wittgenstein. Entendemos que o drama de Schreber, considerado um paradigma das psicoses sob o ponto de vista psicanalítico, oferece um excelente campo de estudo para o exame da eficácia das diversas formulações epistemológicas que procuram identificar racionalidades/irracionalidades, além da específica discussão do papel da psicanálise como uma teoria para a compreensão da “loucura”. Dividimos o capítulo em quatro seções. Na primeira apresentaremos um resumo do texto de Freud, sublinhando os pontos que mais nos interessam, no contexto desta tese, lembrando que procuraremos nos restringir ao texto de Freud, não sendo nosso propósito uma leitura própria das *Memórias de um Doente dos Nervos* (Schreber, 1984 [1903]), o que demandaria uma nova tese. Uma segunda seção apresentará novos dados sobre Schreber – dos quais Freud não teve conhecimento – fruto das pesquisas de Franz Baumeyer e William G. Niederland e que propiciam novas conjecturas sobre Schreber e seu tempo. Numa terceira seção faremos uma discussão sobre “terapia filosófica” e psicanálise, assinalando seus pontos em comum e suas

diferenças. Procuraremos desenvolver certas noções como: “nonsense”, “dizer e mostrar”, “ver como”, “cego para o significado”, entre outras, como aparecem na segunda fase da obra de Wittgenstein, e que se relacionam a análogas preocupações de psicanalistas contemporâneos. Utilizaremos os estudos de James C. Edwards (1982) e D. K. Barry (1996), como apoio para a correlação que pretendemos defender. Muitos dos conceitos aí expostos serão utilizados na seção seguinte, assim como retornaremos a certas questões então discutidas em nossas **Considerações Finais**. Antecedendo nossa visita a Schreber, apresentaremos um breve sumário da noção de delírio na tradição psiquiátrica, privilegiando a conceituação de Jaspers. Procuraremos mostrar como a noção de “irracionalismo interno” e de uma “peculiar certeza” desempenham um fundamental papel desde as descrições clássicas do delírio. E, na última seção, faremos a nossa visita ao *Caso Schreber*, utilizando o instrumental das contribuições de Cavell e Wittgenstein, aliado a certas propostas de Bion. Não se trata de uma revisão psicanalítica do caso, mas de um exercício de “estudo de caso”, visando avaliar a eficácia do trabalho conjunto de uma determinada concepção filosófica e uma teoria psicanalítica (a teoria de relações de objeto). Nossa principal preocupação será a de desenvolver a idéia de psicose como uma “peculiar (bizarra) forma de vida” e o papel da “certeza psicótica” como uma das invariantes da “loucura”. Talvez, por ser o capítulo a que mais nos dedicamos, deixaremos muitas questões para futuros desenvolvimentos. Embora procuremos restringir-nos ao âmbito clínico de nossa pesquisa – Razão e Psicanálise – não deixaremos de mencionar outras abordagens que utilizam *O Caso Schreber* para a compreensão de questões próprias ao nosso tempo.<sup>12</sup>

O **Capítulo 6** é dedicado a conclusões provisórias e seus novos problemas; a um balanço do que foi conseguido até o momento; à retomada de algumas questões que foram mencionadas no que denominamos: *nosso complexo cenário*; à apresentação de algumas idéias quanto ao prosseguimento da pesquisa e, finalmente, à proposta de novas perspectivas para o projeto psicanalítico. Assim, comentaremos as dificuldades que um estudo mais aprofundado da loucura encontra na tradição filosófica;

---

<sup>12</sup> Pensamos em trabalhos, como os de Elias Canetti e Eric L. Santner, que estudam o delírio de Schreber no sentido de compreender as raízes dos totalitarismos, em particular, o nazismo.

discutiremos sumariamente as leituras de Elias Canetti e Eric. L. Santner das *Memórias* de Schreber, com a finalidade de assinalar a dimensão cultural da psicanálise; e, finalmente, retomaremos o tema da “crise da psicanálise” dentro da perspectiva de rediscussão do projeto psicanalítico de modo a habilitá-lo a enfrentar nossos atuais desafios.

Durante toda a tese, esperamos não deixar dúvidas quanto à nossa posição de reconhecida humildade perante o fenômeno da “loucura” que não consideramos passível de apreensão ou redução a qualquer proposta *científica*. Em outros termos: pretendemos apenas dar mais um passo em direção ao diálogo com a “loucura”, tomando-a como uma interlocutora indispensável a qualquer projeto de compreensão do homem em sua plenitude. Apesar de incorporarmos muitas das contribuições dos *relativistas* quanto à importância do contexto histórico-social e, no nosso campo específico, emocional e afetivo, para a discussão de racionalidades e irracionalidades, defenderemos a validade de investigarmos *invariantes* para o fenômeno da loucura. Apresentaremos alguns candidatos a invariantes. Neste mesmo sentido, entendemos que a clínica psicanalítica possa dar uma importante contribuição à psicanálise como crítica da cultura, pois, da mesma forma que há um empobrecimento da personalidade quando seus aspectos psicóticos não são integrados à mesma, são excluídos para um “exterior”, o mesmo ocorre em contextos sociais. Julgamos porém que estes pedem um outro tipo de abordagem, sob o ponto de vista psicanalítico, com métodos e conceitos diversos dos utilizados no trabalho clínico. De qualquer forma, ponderamos que qualquer projeto cultural excludente está condenado ao fracasso, ou, a uma peculiar rigidez impeditiva de desenvolvimento uma vez que tal exclusão só pode ser mantida pela violência dos mecanismos de repressão, cisão e projeção, descritos por Freud e seus sucessores, como Melanie Klein e Bion. Este seria a nosso ver um vértice psicanalítico. Como sempre trabalhamos com os dois vértices – o psicanalítico e o filosófico – julgamos que, a partir deste último, a proposta seria a permanente busca, melhor dizendo: reconhecimento, do solo comum à sanidade e insanidade, à loucura e razão.